O COSMOPOLITA

Orgam dos Empregados em Hoteis, Restaurnts, Cafés, Bars e classes conjeneres

ANO I — N. 3

RIO DE JANEIRO, 1 DE DEZEMBRO DE 1916

REDAÇÃO: RUA DO SENADO, 215-217
Telefone C. 1.499

EXPEDIENTE

De conformidade com as bazes do seu Grupo Editor, as colunas de *O Cosmopolita* estão francas a toda e qualquer espansão de pensamento, desde que se ajuste á lojica e á razão, e estejam em harmonia com a sua orientação.

O Cosmopolita publica-se nos dias 1 e 15 do mez.

Assinaturas

Ano . . . . 5$000
Semestre . . . . . . 3$000

DECENDO DA MONTANHA

(Continuação)

— Eles têem direito a consumir até o superfluo. Desperdiçam o producto do nosso trabalho a seu bel prazer.

Para nós não ha direitos, só nos ezijem deveres.

Estamos condenados a trabalhar para viver, para viver trabalhamos e a trabalhar morremos.

Disseram-nos os senhores capitalistas, por insinuação de todas as relijiões, que para viver é precizo trabalhar.

Sem embargo, eles vivem a grande, no meio do luxo e do conforto sem terem necessidade de trabalhar.

E nós, trabalhando para viver, no trabalho encontramos a morte.

Tu, apreciavel amigo e companheiro, talvez, de amanhã, abandonaste o mundo e os homens em tua infancia.

O teu genio infantil levou-te ao mais alto cume de uma montanha deshabitada. Só, encontraste no dezerto, no entanto tens vivido.

Viveste no jardim selvajem da natureza bravia, no paraizo das feras. Não vanglorio tua sorte, mas, ó companheiro ! foste livre !

Desconheces o progresso e a civilização, mas foste bafejado pelo sol vivificante do liberdade.

— Era bravia a natureza ? Não importa ! Ainda assim envejo te... Eras o unico.

Sonhaste e sonhando um dia subiste como um louco ao mais alto pico da montanha.

Em tua mente germinava o dezejo de conhecer um mais para lá desconhecido

Do concreto ao abstrato sobes sonhando ás altas rejiões ediolojicas do pensamento humano.

Firmas a vista no futuro e um nimbo anuncia teu ideal. No alto de uma torre vislumbras a diviza da civilização e do progresso. Deces precipitado da montanha e segues em direção á diviza *grandioza* da sociedade capitalista, ao impulso de tuas aspirações de bem estar humano. Um ideal sublime te serviu de guia luminoza em tua dificil empreza. Porém como tinhas uma vontade soberana, um ideal que te animava, como sentias uma fé inquebrantavel em tuas forças, venceste.

Sonhando chegaste ao paraizo dos homens, ao imperio da civilização, vês, enfim, realizado teu ideal.

Depois da expozição do dono e senhor de nossa vida já deves estar ao corrente das grandezas do mundo dos ricos, do paraizo dos mortos e do inferno dos trabalhadores.

Isto é, falta-te somente conheceres o inferno dos trabalhadores no seio de tantas riquezas sociais. Escutaste a apolojia da civilização e da riqueza, da vida feliz e do bem estar humano, feita por um dono e senhor, agora espero que escutes a desmascaração da mentira, a apolojia da morte lenta e das mizerias humanas, feitas por um escravo.

Quero ser explicito em minhas palavras, afim de explicar-te com clarividencia a escravidão e a mizeria em que vive a maioria da humanidade, e espero que convenhas comigo que o paraizo que sonhaste não é este. Mas, isto não importa ; continua, pois sonhando, que alcançaremos num dia não lonje a terra livre.

O mundo capitalista não póde iluminar mais com a sua mortiça luz o bem estar da humanidade. Está em franca bancarrota, e nós, os sonhadores, temos que aproveitar-nos de sua impotencia, de seu deziquilibrio economico para demolir com nossa critica os seus alicerces.

Uma imensa maioria da humanidade vive na mais repugnante das mizerias, emquanto uma minoria ingnificante desfruta todas as regalias e prazeres da vida.

A sociedade, com a sua divizão de classes e categorias, leva o trabalhador manual a uma vergonhoza desconsideração pela classe dirijente.

Os burguezes, senhores do dinheiro e das redeas do Estado, impoem sua vontade sobre numeroza maioria.

— E sendo maioria, como aceita, então, as injunções da minoria ? Si os mizeraveis, os famintos, os desherdados do patrimonio universal, si, enfim, o povo produtor é mais forte, é o mais numerozo, como aceita essa mizeravel condição de vida ?

— Oh ! amigo, a sociedade capitalista está tão bem organizada, ou melhor, tão bem preparada para defender os seus privilejiados, que os trabalhadores, mal sáem á luz da natureza são entregues ás relijiões e ao Estado, afim de educal-o de acôrdo com as necessidades sociais.

A sociedade está composta de duas classes, uma mineria que vive sem trabalhar, que governa, e a minoria que são os trabalhadores, os produtores das riquezas sociais, os governados.."

(Continúa).

Odnumyer.

UNIÃO

Não ha união, é a palavra dita por uma imensa maioria de trabalhadores, tanto da classe de empregados em hoteis etc., como das outras classes de atividade humana.

Ora, não ha união dizem, e de fato não haverá união se continuamos todos a dizer do mesmo modo. A união para realizar um efeito não é coisa que se crie por si, como por milagre, é preciso fazel-a e os fatores dela, que são justamente os explorados trabalhadores, dizendo todos em côro, *não ha união*, é lojico que a desfazem por sua propria culpa.

Pois si a união é força, essa força é preciso que naça da vontade compacta dos trabalhadores.

E' ridiculo clamarmos sempre : "não ha união", se não se começa por querer fazel-a !

Todas as discussões ou juizos sobre o assunpto não podem determinar sinão : *que a união dos trabalhadores* não será um fato si os proprios não a quizerem fazer.

Emvez de dizerem não ha União "digam" façamos a União, não admitamos impossibilidade nesta palavra, que tornando-se um fato tudo póde e tudo vence.

A concepção do sentido da palavra deve animar os desherdados tendo fé na futura emancipação proletaria.

Não ha União; mas senhores, o nada póde dar alguma coisa ? Será preciso reconhecer eternamente a falsa importancia que á nós mesmos arrogamos ?

Si entre nós de fato ha inépcia é porque somos separados.

Turati no seu hino dos trabalhadores diz: Separados somos canalhas; mas unidos somos potentes.

Bem: um pouco de bôa vontade nos anime, e digamos: queremos unirmo-nos para ser fortes, chamando tambem ao nosso lado todos os sofredores, sem distinção de oficio.

Portanto abaixo o temor de insucesso, a União tem necesssidade de ser um fato.

Viva a União !

Viva a Federação Geral dos Trabalhadores.

A tirannia da Capital deve ter um freio.

A. P.

Para que serve o patriotismo

No tópico aqui publicado no numero passado, escrito num *estilo telegráfico*, como convém a um jornal das dimensões do nosso, cremos ter ficado patenteado que o sentimento patriotico é hoje um sentimento perfeitamente decadente, e que para a sua derrocada, muito mais que a ação dos revolucionarios, tem contribuido ativamente a divizão da sociedade em classes privilejiadas e classes desherdadas, classes exploradoras e classes exploradas, uma minoria ocioza vivendo do trabalho de uma maioria laborioza.

A esta eloquente dezigualdade prezide a *Patria*, essa mejéra repelente, cujos interessados defensores, nos aprezentam como écélsa matrona, modelo de virtudes não comuns, mãi extremoza, mas que em verdade não passa de uma madrasta sem entranhas, que, ao passo que aos filhos do seu matrimonio cumúla de carinhos, prodigaliza os mais requintados manjares e as melhores solicitudes, faz servir aos infelizes rebentos do primeiro matrimonio, aos *enteados*, os sobejos da meza num fundo de porão...

E para que serve a Patria?

Ah! a patria, meus amigos, é o pó com que se doura a pilula. Precisamos defender a integridade das nossas fronteiras, a nossa autonomia politica, manter a nossa hejemonia, e para isso necessitamos organizar um ezercito e uma armada eficientes, etc., etc., tais são os chavões que bailam na boca dos Bilacs do jornalismo, do majisterio, do parlamento, da literatura, de todas as cátedras, emfim, donde pontificam ás turbas, os *gros bonets* do patriotismo.

Mas o povo, que em regra ouve ou lê, mas não raciocina, e muito menos sabe lêr nas entrelinhas, não vê nesse ezercito e nessa armada, de necessidade tão decantada, sinão uma razão objetiva: *a defeza da patria*. De modo que a patria não é sinão um magnifico pretexto para que se organizem um forte ezercito e uma grande esquadra, e assim floresça e viceje, em toda a extensão do seu profundo mal, esse cancro que corróe a humanidade, e que, de parceria com outros fatores de ordem economica e politica, nos arrastou á catástrofe da hora presente, o militarismo!

Entretanto o motivo subjetivo do militarismo é defender os privilejios da burguezia, é a sustentação intranzijente da ordem capitalista, é a manutenção do *stato quo* atual, que consagra a iniquidade da exploração do homem pelo homem e que permite que, emquanto uns, a maioria, se esgotem na faina brutal de um trabalho exessivo, privados do imprescindivel á subzistencia, outros, a minoria, se enervam num ócio imoral, no meio de um luxo insensato, consumindo os dias na ancia febril e torturante de conceber fantaziosos projétos de gozo...

Mas — e felizmente! — o patriotismo decái evidentemente.

Já na guerra atual bem poucos teem o desplante de arvorar a bandeira desmoralizada do patriotismo; á semelhança da cruz do christianismo, ela já não tremúla á frente das hordas fraticidas com tanta convicção; o *in hoc signo vinces* da relijião patriotica já não é o estimulante das multidões que se pretende abater em holocausto aos interesses capitalistas.

A defeza da civilização é agora a bandeira de combate que os governos arvoram em substituição á bandeira decrepita do *patriotismo*.

Oxalá o povo trabalhador expoliado saiba vêr nessa nova panacéa mais um sofisma com que se pretende embair a sua credulidade em proveito da casta parazitaria.

Espetadelas

SERVETERIA AVELAR

A exploração em marcha !

A vergonhoza dezorganização em que permanecemos, o egoismo individual que predomina no seio da nossa classe a falta de fé, e a descofiança que temos na nossa força coletiva, tem colocado o nosso inimigo comum numa situação vantajoza, levando-o a lançar mão dos meios mais iniquos e deshumanos de exploração e tirania.

Os planos de exploração tiranica que estão sendo dezenvolvidos pelo patronato seriam relativamente de mais lojica ezecução na idade média, em pleno reinado da aristocracia, do que no seculo vinte, em que—segundo dizem — ha republica livre, ha democracia social com a igualdade de direitos e deveres perante a lei.

A situação degradante em que nos encontramos, e a atitude de desmazelo e apatia em que permanecemos, levar-nos-á emerjencia vergonhoza de irmos, de chapéu na mão, junto ao patrono, pedir-lhe trabalho sem ordenado!

Não está lonje o dia em que chegaremos a pedir trabalho, a oferecer os nossos braços, dispensando o salario que os nossos amigos patrões tenham a benevolencia de ceder-nos !

E' com verdadeiro pezar que nós dizemos estas verdades, mas impõe-se-nos o dever de dizel-a muito embora isto promova a revolta contra nós.

Precizamos revoltar-nos contra tanta baixeza e humilhação!

Parece incrivel que ezistam companheiros capazes de sujeitar-se ás revoltantes impozições do proprietario da Sorveteria Alvear.

Sem mais comentarios, vamos inserir nas colunas do nosso jornal o vexatorio e revoltante regulamento interno dessa caza afim de cientificarmos a nossa classe do clamoroso atentado que ali se está perpetrando contra a nossa dignidade de homens livres.

E' necessario que a classe reflita sobre o assunto de tão relevante importancia e tome as providencias precizas, afim de evitar o avanço desses vergonhozos atentados do patronato explorador.

Escutai-nos, pois, um momento companheiros :

DEVERES DOS CAIXEIROS :

1º — E' proibido, terminantemente, alimentar palestra com o freguez.

2º — Está obrigado a comprar flores todos os dias para enfeitar as mesas.

3º — Será multado si no dia estipulado de roupa branca não observar esse traje.

4º — E' proibido terminante conversar no meio do salão.

5º — Será multado no cazo de ser apanhado a comer um doce ou um sandwch.

6º — E' obrigado a pagar toda a louça que fôr quebrada no salão, pelo caixeiro ou pelo freguez.

Eis companheiros a lamentavel situação a que chegámos!

Não vos parecerá, camaradas, que estais escutando a leitura de um codigo penal ?

E além de tudo ainda ha uma contribuição diaria para o gerente jogar no *bicho*.

Falta sómente a pena de morte !

R. R. M.

Abaixo a tirania!

Ha muito que anciavamos trazer á publicidade, nas colunas de um jornal genuinamente nosso, um enerjico protesto contra as infames e cobardes injustiças cometidas pelos dirijentes de alguns hoteis e restaurants.

A tirania, cada vez mais iniqua, impéra na maioria das cazas do Rio de Janeiro, toma um encremento assombrozo que chega a revoltar a conciencia mais adormecida e o espirito mais apatico ou pessimista que possa ezistir na nossa classe.

Não temos palavras apropriadas para exteriorizar todo o odio e insaciavel sêde de vingança que germina nos nossos corações contra o vil traidor que está dirigindo o serviço de salão no Restaurant Assyrio; queremos nos referir a um tal Lorenzo Olivera. Esse individuo de ha muito que se celebrizou no seio da nossa classe pelos seus feitos.

Poderemos porventura deixar passar em silencio as inqualificaveis prepotencias dessa triste caricatura de tirano, sem faltar indignamente aos compromissos que voluntariamente assumimos com a classe, ao tomarmos o encargo de publicar este periodico ?

Positivamente não ! Isto não estaria na nossa invariavel norma de proceder.

E é por isto que hoje pegamos na pena para, a guiza de rélho, fustigarmos sem dó esse tipo que atormenta um punhado de bons e honrados companheiros nossos com os suas insuportaveis atrevimentos.

"Despedir com a pêcha de ladrão, sendo um honrado trabalhador e, para cumulo, esbofetcal-o e entregal-o á policia !

Eis o método de "regulamentação de serviço" e os principios de moralidade dezenvolvidas pelo rei dos *maitres d'hôtel*.

Foi precizo que esse tipo réles viesse empregar a sua atividade ao serviço dos hoteleiros do Rio para estabelecer certos processos de direção que atentam profundamente contra os nossos direitos de homens.

Mas afinal porque procede assim com tanta desfaçatez ?

Em que se fiará ele para abuzar com tanto descaro de uma classe tão numeroza como a nossa ?

E' que ele sabe que no nosso meio desgraçadamente triunfa ainda o egoismo individual a tal extremo que nos leva á dezorganização em que nos encontramos. Vendo-nos, naturalmente, dezorientados, sem um ideal que nos congregue em volta de uma bandeira unica, que reprezente os nossos interesses coletivos, não trepida em levar a sua prepotencia ao atrevimento das ofensas fizicas.

Eis aí o fim dolorozo e aviltante do nosso criminozo indiferentismo !

Assistir impassiveis o dezenrolar desse drama indigno para trabalhadores concientes dos seus direitos e deveres !

Em nossa prezença acuzar caluniozamente de ladrão a um companheiro encanecido no serviço, e chefe de familia, e a tudo assistirmos indiferentes, sem que tenhâmos a corajem e a altivez de no mesmo momento vingar a afronta lançada á nossa face sobre uma classe inteira !

Esse tal Lorenzo, chegando aqui, de S. Paulo, (não sabemos se fujido da policia), apóz uma malograda tentativa de suicidio, entrou no ezercicio das suas funções de *maitre d'hôtel*, nesta capital, começando desde logo a pôr "as mangas de fóra" na pratica continua de violencia sobre violencia contra a classe caixeiral.

A vida desse individuo como gerente é a mais nojenta que se pode conhecer, pois que ele só foi guindado a esse posto de mando pelos seus habitos de bajulador incorrijiveis.

Entrou para o antigo *High life Club* como gerente.

Necessitando impôr-se á consideração do proprietario do estabelecimento, o sr. Paschoal Segreto, e não tendo outros predicados para captar as boas graças desse sr., sinão pela mais vil bajulação, começou por diminuir os ordenados dos caixeiros, sob o irrizorio fundamento de estarem dando um prejuizo fenomenal ao proprietario do Club...

Dai por diante continuou ele cometendo toda a classe de injustiças, sem olhar as consequencias funestas que inevitavelmente adviriam do seu procedimento desleal e incorréto, contanto que, com esse mal que cauzava aos demais conseguisse, o elmejado ezito na sua carreira.

Entretanto, feliz na sua empreza dezabuzada, trilhou o caminho da sua perversidade, com tanta felicidade que até hoje não encontrou na sua carreira a manifestação perene do menor gesto justiceiro que o fizesse enveredar pelo caminho da justiça e do direito.

Como gerente que é atualmente no Palace Club, não só continuou a pôr em pratica as mesmas medidas economicas em favor dos proprietarios, como chegou até a esbofetear um companheiro de nome Firmino, com certeza por descuido no cumprimento das ordens sevéras que haviam sido emanadas desse tipo autoritario.

Tendo tido a felicidade de *criar nome*, tornando-se conhecido como competente na profissão que ezerce, e tendo ainda a recomendar-lhe além dos seus profundos conhecimentos financeiros, a sua falta de carater, não lhe têm faltado cazas para trabalhar e onde possa dar largas ao seu espirito atrabiliario e prepotente.

Hoje essa odioza criatura, que triunfa sempre nos seus planos maquiavelicos, encontra-se na direção do Assyrio e aí para não perder o habito, tem praticado todas as suas costumeiras canalhices.

Aí nesse estabelecimento, porém, as injustiças as perseguições e as vinganças teem sido tantas e tão grandes que por dignidade não devemos mais tolerar o dezempenho de cargos tão elevados por esse tipo lombroziano. A ele devemos o *progresso* de hoje em dia trabalharmos sem ordenado nos principaes clubs da cidade. E' ele o responsavel principal de haver individuos capazes de mandar trabalhar um caixeiro de *smook* ou cazaca por 5$000, isto é, cinco mil réis, sem ter dia determinado para recebel-os. E' ele, emfim, o cauzador da ingnominioza injustiça praticada contra um nosso companheiro : esbofeteal-o e para cumulo entregal-o ás garras da policia !

Que fazer diante de tanta ignominia ?

Companheiros, que como nós sofreis toda classe de perseguições e atribulações, não sentis as vossas aspirações animadas por um halito de rebeldia, enveredando pelo caminho da justiça, reclamando vingança contra um patife de tão pequena estatura moral ?

Ninguem melhor do que nós poderá anular o prestijio profissional e administrativo desse tipo indigno de ser homem e de conviver no meio de trabalhadores honrados.

As nossas aspirações e os nossos interresses são comuns e portanto devemos estar alerta na salva guarda dos nossos direitos individuais, quando virmos feridos os de um nosso companheiro.

Congreguemo-nos todos em volta de um ideal comum, procuremos unificar as nossas forças dispersas e depois, compenetrados dos nossos direitos, ergâmos um grito vibrante de justiça, fazendo os tiranos prestar contas dos seus crimes num tribunal de justiça popular.

Ficará impune mais essa afronta ?

Não terá uma reprovação enerjica no seio da classe este atentado á liberdade e á dignidade individuais. Para nós esta questão é de suma importancia e de maximo interesse.

Devemos dar uma lição ezemplar e decidida aos autores de semelhante atentados ao direito das gentes.

Odio e vingança que brotem dos nossos peitos escarnecidos contra a tirania imperante !

Resposta a um critico

A propozito da publicação deste artigo no primeiro numero de "O Cosmopolita", recebemos a seguinte carta:

" Aos companheiros da redação de *O Cosmopolita*:

Sob o titulo "Resposta a um critico" foi publicado neste jornal um artigo combatendo as ironias do dr. Azurém Furtado, insertas em dois jornaes burguezes. O referido artigo era uma resposta fundamentada ás asserções do citado doutor. Entretanto, permiti que, á sua margem rabisque o sinatário destas linhas algumas considerações mais, pois que o assunto é vasto e bem as comporta.

Nós, empregados em hoteis, não devemos consentir que se continue a fazer uma ideia tão erronea da nossa educação profissional e social. Revolta os nervos o artigo do dr. Azurém, quando ele diz que "é uma verdade já muito sediça o se atribuir principalmente á inferioridade do pessoal subalterno que serve nesse genero de industria (hoteis) aqui no Brazil, a cauza primacial de todas as queixas levantadas contra a administração dos nossos hoteis."

Si o dr. Azurém conhecesse, como nós, os hoteis do Rio, encontraria muitos deles, cujos donos nunca souberam o que é ser empregado em hotel, nunca tiveram a minima noção desse serviço, e dai a falta de pratica ezijida de patrões, para ter a competencia necessaria para dirijir estabelecimentos desse genero e escolher pessoal com as habilitações precizas. Dai o serviço mal dirijido, aparecem as queixas dos clientes contra os empregados, aos patrões, e estes, pela sua "miopia" no serviço, começam a dizer aos clientes que os empregados são todos máus.

Vê-se todos os dias dezempregarem-se "garçons" de reconhecida competencia profissional e educação social, cujos patrões dizem que eles são grosseiros, que não sabem trabalhar, etc., etc.

Si o dr. Azurém, ou outro qualquer critico, quizesse dar-se ao incomodo de verificar quantos "garçons" foram admitidos no Hotel Vitoria, desde a sua abertura, encontraria nos livros destinados a esse fim, uma média anual de 50 empregados. Isto é a expressão da verdade, e assim como esta, muitas outras que não vale a pena citar.

Mas dai se deprende que os patrões ainda esperam empregados que lhe sirvam a contento. Não os encontrarão nunca, nem mesmo que os mande vir da Suissa ou da França, porque o defeito não é dos empregados, mas sim dos patrões.

Sei que alguns camaradas nossos ha que, sem a pratica necessaria, se aprezentam nas cazas de 1ª ordem para trabalhar; os patrões os admitem sabendo-os assim; depois as consequencias aparecem, inevitaveis. De quem a culpa? Nossa talvez? Cremos que não.

Ezistem bons "garçons" dezocupados porque reconhecendo a sua propria competencia ezijem dos patrões os seus direitos; no entanto muitos patrões não os querem, porque dezejam ter em caza empregados que não reclamam, "garçons" que se sujeitem a mesquinho ordenado, que lavem as escarradeiras, as sentinas, a caza, etc., etc. e que entrem ás 6 para sair ás 22 horas.

O que nós precizamos, doutor, é sanar esta situação, não nos deixando arrastar por essa exploração, fazendo-lhes sentir que temos igual direito á vida, mostrando-lhes que sabemos melhor cumprir os nossos deveres como empregados, que eles os seus compromissos como patrões.

O "garçon" que estas linhas vem traçando vem empregando a atividade profissional ha 22 anos nesta capital e Estados, não tendo até hoje merecido a mais leve censura por parte dos clientes por falta de compostura ou educação para com os mesmos.

Entretanto não é raro encontrarem-se clientes, que atacados de nervozismo, entendem que o empregado é algum imbecil, a quem ele póde dirijir as grosserias que muito bem entender. O respeito deve ser reciproco.

Não cursei escolas profissionais e muito menos cientificas; o pouco que sei, adquiri-o dia a dia, no duro ganhapão.

Temos aqui no Rio muitos companheiros aptos para ocupar um logar no futuro Hotel Guinle, "garçons" ou artistas culinarios; o que não teremos é a felicidade de que o futuro proprietario desse grande, luxuoso e ultra-moderno hotel seja um profisional do ramo de industria a que agora se entrega com a mira em gordos proventos.

B. F. G.

Hotel dos Estranjeiros

São de lamentar as queixas que constantemente chegam ao nosso conhecimento contra a falta de consideração de que são alvo os nossos colegas de trabalho ; queixas essas dirijidas, aliás, contra as melhores cazas desta capital e portanto as que menos precizam sacrificar o seu pessoal.

Entre elas destaca-se a que nos serve de epigrafe a estas linhas. Ali se obriga os *garçons* a raspar os bigodes, para diminuir aos que a isto se reguzam, 20$ no mizero ordenado, e a pretesto de crize. No entanto os seus proprietarios gastam contos de réis na orjia dos *cabarets* noturnos.

Mas o peor de tudo é que nem ao menos as refeições merecem este nome. Um picadinho e arroz de infima qualidade, eis a que se reduz as refeições aos empregados, sem direito á bebida o que é de uzo em todas as cazas. Si algum deles pedir um outro prato qualquer, porque o estomago á força de tragar aquilo todos os dias, já não suporta—tem que o pagar por preços previamente estipulados mente descontados, no fim do mez, do mesquinho ordenado que percebem !

Essas refeições, bem mais proprias para suinos e não para gente, são servidas em cima de uma grande meza de marmore, sem toalha e cheia de moscas, exposta á chuva ou ao sol, coberta de expessa camadas de poeira.

Disto não é unicamente culpado o proprietario. Igualmente responsavel por todas estas infamias que aqui vimos relatando sem nenhum ezajéro, é o incompetente *maitre d'hotel*, Emilio Vasquez, o qual se presta aos mais torpes papeis, murmurando baixezas com as gerentes e com o proprietario, já deslembrado das agruras do teu tempo de *garçon*, que o seria ainda hoje, si porventura um movimento enerjico da classe, de que fomos impulsionadores, o não tivesse, em tempos que não vão lonje, em má hora alevado ao posto onde atualmente se encontra cometendo tanta indignidade.

Hoje reconhecemos todo o alcance do nosso erro em fazer depozitario da nossa confiança quem pelo seu passado não devia ser considerado sinão como um rélés traidor ás nossas aspirações a melhores condições de vida.

Mas esse fragmento serve apenas para avizar a esse vilão de que não estará muito lonje talvez o seu desmoronamento, e que, cá em baixo, havemos de vel-o de andar tropego e orelhas abaixadas.

Emquanto isso não se dér que nos aguarde nestas colunas, pois aqui estaremos vivazes e terriveis.

G. C.

Pauladas e pedradas

Eram nove horas da noite, quando terminámos os nossos afazeres na redação de *O Cosmopolita*.

Entretidos com os trabalhos do nosso jornal, não haviamos notado que a noite estava chuvoza, quando um dos companheiros que deciam a escada, aprossimando-se do humbral da porta central, exclama zombeteiramente : "O porteiro lá de cima está a nos atrapalhar com a chuva !"

Temendo uma molhadela, emprehendendo uma viagem a pé atravéz as ruas encharcadas da cidade, em direção ao nosso destino, tomámos um bond linha *S. Francisco*. O bond corre *a nove pontos* na sua direção, percorrendo rapidamente as ruas do seu itinerario, e em breve eis-nos no Largo de S. Francisco. Decemos e entrámos na rua dos Andradas, em direção á casa do nosso amigo e companheiro X.

Aí estavamos calmamente saboreando umas chicaras de café, quando notámos que uma vóz afeminada chamava com insistencia o guarda noturno. Um companheiro nosso, por méra curiozidade, levantou-se afim de verificar a procedencia daqela afeminada vóz que com tanta anciedade chamara o guarda

O espetaculo que então prezenciou encheu-o de estupefação !

Narremol-o: O guarda noturno da *zona*, (nosso amigo, naturalmente) estava lendo *O Cosmopolita*, com a maior atenção, á luz de um combustor da iluminação publica, quando um tipo de mediana estatura, em trajes menores, que, por indagações que fizemos mais tarde, soubemos chamar-se Faria, sai apressado de uma caza suspeita, nas cercanias, a gritar e a pedir instantemente ao guarda que lhe cedesse o *Cosmopolita. !*

Para melhor nos inteirarmos dos acontecimentos chamámos o guarda e perguntámos-lhe: porque diabo aquelle *menino bonito* faz tanta questão de ler o *Cosmopolita*, a estas horas ? — Homessa ! — respondeu-nos o guarda. Então os senhores não sabem qual o motivo ? E' pelo fato de ser membro *viril* da Associação Benefica e supôr que lhe andem na pele...

O' com seiscentos mil diabos ! Porque não manda esse *menino bonito* á redação do Cosmopolita para ser satisfeita a sua anciedade ? !

O. R. M.

Despedindo-me da classe

Talvez a maioria dos companheiros a que me dirijo neste momento, desconheçam a minha atuação no seio da coletivipitalista, na vanguarda das forças orgabrantes protestos contra a exploração cadade da qual fiz parte durante muito tempo. Fui um rebelde, que desfilei anonimo no batalhão dos revolucionarios que punindo pelos direitos do proletariado se destacam sempre pelos seus vinizadas que lutam pelo advento de uma sociedade mais ampla e mais equitativa do que esta mizeravel e corruta em que vivemos.

Deixo-vos, camaradas, no vosso posto de combate, forçado por questões de força maior. Mas, jamais me esquecerei dos momentos felizes que passei no vosso meio, nos momentos mais historicos que tem atravessado a nossa classe.

Auzento-me do vosso meio mas segundo *pari-passu* com o maximo interesse os vossos movimentos em pról da emancipação social do proletariado.

Continuarei sendo o mesmo entuziasta da grande cauza que defendeis com altivez e corajem, e se algum dia, necessario fôr formar de novo ao vosso lado promtificar-me-ei a fazel-o com o mesmo ardor e dezassombro como já tenho feito.

De vós me despeço grato, com inolvidaveis recordações.

Vosso e da cauza,

Manuel da Silva Arriaga.

A nossa hora hade chegar!

Narra a historia que outr'ora os sanitas, um dos muitos povos em que se subdividia a penisula italica, inimigos fidagais dos romanos, vencedores numa guerra que com estes travaram, levantaram no proprio campo de batalha, em Caudio, uma enorme forca por onde fizeram passar o ezercito vencido, em sinal de submissão. Daí a fraze: "passar pelas forcas caudinas", em aluzão áquele feito historico.

A' semelhança dos romanos, os ideais internacionalistas passam nesta hora pelas "forcas caudinas" da reação.

Ha dois anos que nos campos da velha Europa, outr'ora ezuberante de vida, numa luta fraticida se batem varios milhões de trabalhadores, arrancados ao labor fecundo da oficina, da mina, da fábrica ou á cultura da terra, para a defeza dos mais sórdidos interesses capitalistas.

Com campanudas e retumbantes declarações e afirmações de defeza de honras nacionais, liberdades, civilizações e culturas conseguiram obumbrar na mente dos povos os mais belos e generosos sentimentos de fraternização, para dar logar ao surto de baixas paixões, ao dezencadeamento de odios torvos e mesquinhos, ao despertar de velhos ressentimentos porventura já varridos da conciencia roletaria pelo intenso labor dos mais ardentes internacionalistas.

A imprensa burqueza, a impudica rameira, como sempre ao serviço dos tubarões da finança, dos ambiciozos de glorias militarescas, dos fornecedores militares, de todos os chacais, emfim, que se aproveitam desses transes sombrios da humanidade para saciar os seus apetites carniceiros, tornou-se o porta-vóz das mais cinicas mentiras.

Em nome de uma pretendida defeza da liberdade, começou por suprimir as mais caras liberdades humanas, conquista laboriosa e por vezes sangrentas de muitas gerações.

Nos paizes em guerra só as forças reacionarias têem o direito de alçar a voz; a palavra da razão e da verdade é estrangelada na garganta dos poucos abnegados que ainda ouzam manter inabalaveis e integros os principios de que se tornaram denodados e sinceros campeões, e que, quais verdadeiras robles, rezistem impávidos o vendaval da loucura guerreira !

Mas, *a nosa hora ha-de chegar !* Nós esperamos que uma transformação se opere na conciencia dos povos em guerra, tão duramente ludibriados, e que em breve se apercebam do embuste em que foram mizeravelmente lançados.

Que saibamos tirar desta hecatombe guerreira, sem par na historia da humanidade, os ensinamentos que dela decorrem...

Analizemos os fatores determinantes desse crime hediondo, e tomemos contas sevéras aos seus responsaveis.

Eliminemos da superficie da terra esses fatores: rejimen capitalista, bazeado na propriedade privada, governos, fronteiras.

Transformemos a humanidade numa universal familia, que todos os seus membros tenham um logar á meza do colossal banquete da vida, entendendo-se pela harmonia de interesses, pelo livre acôrdo: o *homem livre sobre a terra livre !*

O tempo de guerra — disse-o ha pouco o socialista inglez, Ramsay M. Donay, — não é propicio a politica de ideias. Então a maioria apinha-se a ouvir e aplaudir a muzica duma banda com pancadaria e desconfia extremamente das exquizitas e ricas notas e palhetas.

Nós esperamos e trabalhamos como tem que fazer todas as minorias.

CELSO GARCIA.

Os empregados de hoteis que trabalham á noite pensam em greve

ELES IGNORAM O QUE SEJA UMA FOLGA

Com os *alarmantes* titulos que encabeçam estas linhas publicou ha dias o joven *rotativo* "A Lanterna" uma interessante e rapida reportajem sobre o serviço noturno dos hoteis do Rio, a que não podemos rezistir ao dezejo de reproduzir nas nossas colunas.

Todavia mantemos as nossas duvidas sobre si não terá laborado num lamentavel equivoco o redator da "Lanterna". A entrevista que adiante transcrevemos teria sido mesmo com empregados aqui do Rio, ou seriam eles da China ou do Liliput ?

Sim, porque os nossos companheiros aqui do Rio, vivem no melhor dos mundos: belos salarios, poucas horas de trabalho, descanso semanal, etc., etc.

Si non è vero...

Pelo corredor silenciozo, forrado com um tapete vermelho e estreito, o *valet de chambre* nos guia para o quarto que acabamos de alugar, um hotel de viajantes do centro da cidade.

Ao entrarmos no quarto, o creado nos mostra o apozento com um gesto vago e nos diz o que já sabemos : "se precizarmos de alguma coiza é só tocar na sineta".

Mas não o deixámos partir. O seu ar morozo e fatigado intriga-nos. Perguntámos-lhes, adivinhando vagamente as cauzas do seu tedio :

— Muito trabalho, hein ?

O famulo responde:

— Sim, muito trabalho... muito trabalho e pouco dinheiro...

Então, para pol-o á vontade, declinámos a nossa qualidade de jornalista e pedimos-lhe alguns esclarecimentos.

— Os esclarecimentos são simples. Lavra entre todos os empregados de hoteis que trabalham á noite um descontentamento geral. Elles trabalham, sem revezar, a noite inteira e sem ter ao menos uma vez por mez, uma pequena folga. Ora, nós debalde temos reclamado dos nossos patrões.

Ha não muito tempo, reunimo-nos em comissão, os reprezentantes dos empregados que trabalham á noite nos hoteis e fomos incorporados aos chefes dos principais hoteis do Rio, pedindo em nome da classe que nos fosse concedida uma noite de repouzo todos os quinze dias. Como nos recuzassem, pedimos uma folga por mez. Ainda desta vez fomos batidos.

— Por que não se declararam em gréve ? — perguntámos injenuamente.

O garçon deu um muchocho e alçou os hombros. Seriam jogados na rua. Ainda mais : poderiam contar com a solidariedade de todos, numa cizão que acarretava tão graves consequencias ?

— Os patrões não sabem o que é ficar 365 noites trabalhando sem descanso — concluiu o garçon que nos falava. Si o Sr., si dér ao trabalho de observar um hotel, a partir de dez horas da noite, verá como todos os seus guardas estão num estado de lamentavel cansaço...

Quando ficámos sós, pensámos no que viramos desde que penetraramos no *hall* do hotel em que estavamos. A' porta, o porteiro, d'olhos fechados, mal respondera ao nosso "boa noite". Na gerencia, o encarregado do aluguel dos quartos repouzava a cabeça entre as mãos, em atitude enjoada. O rapaz do elevador bocejava com enfado, tendo as forças ezaustas para manejar as manivelas do ascensor. Em cima, o garçon estava naquele estado em que se nos aprezentára. E em todos os andares ia o mesmo cansaço, a mesma sonolencia.

E, no entanto, eles pedem pouco Uma noite de repouzo todos os quinzes dias..."

As cozinhas dos trens da Central

Já trabalharam nos vagons restaurants da Estrada de Ferro Central do Brasil ?

Pois aconselho-lhes que não trabalhem sob pena de morrerem de fome, pois é melhor estar no inferno em vida ou ficar debaixo do bond a ter infelicidade de trabalhar nesses infernos que são as cozinhas desses carros.

A exploração dos proprietarios da empreza arrendataria desse serviço merecia a detenção para toda a vida, se porventura a lei fosse feita para protejer a todos indistintamente e não apenas a quem tem o capital.

Parece impossivel que ainda haja trabalhadores que se sujeitem a uma exploração como a que os concessionarios dos serviços de carros-restaurants estão exercendo sobre os seus empregados de cozinha, a qual ultrapassa as raias de tudo o que aqui se tem visto no nosso ramo de trabalho. Quanto a nós continuamos a ter o mesmo pensar de ha annos passados: a alma, o coração dos patrões está dentro de suas burras, nos seus interesses pecuniarios.

E' pois aí, onde devemos feril-o. O contrato que eles têm com a Estrada dispõi para a falta de uma refeição a multa de 500$ ou 5:000$, não sei ao certo, mas existe alguma cousa nesse sentido, e para individuos da especie desses emprezarios todas as armas são boas. Amor, com amor se paga... O pessoal de cozinha tem, pois, uma arma para se defender da exploração gananciosa e terrivel do Sr. Cardozo "et-reliqua" e verão, assim que a ponham em pratica, cessar os abuzos de que são vitimas...

Não mais sacrificarão a sua saude, a sua vida em beneficio dos patrões e atualmente.

Nós sabemos que são dous individuos que alli trabalham os principaes promotores das irregulariedades que se passam nas cozinhas dos vagons restaurants. Mas esses infelizes terão em breve o merecido corretivo por parte dos seus companheiros, no desprezo com que serão tratados, porque eles não hão de trabalhar eternamente nesse logar. Entretanto si tivesse um pouco de senso comum, eles veriam que se estão arruinando para sempre, impossibilitando-se de poder ganhar um pedaço de pão para seus filhos, quando sairem dos trens.

Desenganai-vos, trabalhadores ! sem violencia nada se consegue, as boas palavras só servem para perpetuar a vossa escravidão.

Pois é lá possivel viajar daqui a Minas, dentro de cubiculos, como são as cozinhas dos carros-restaurants ? ! E tudo isto para fazer jús ao mesquinho ordenado de 150$, obrigados a trabalhar desde as 4 horas ás 7 da noite ! E ainda assim suprimiram duas garrafas de cerveja a que tinham direito. A tudo isto se submettem, sem protesto, invocando para justificar esse sacrificio da sua dignidade sem um ato de revolta, a "necessidade do ganha pão".

Pensem, entretanto, que nem sempre ali estarão e que ao voltarem para o seio da classe terão que soffrer a repulsa unanime dos companheiros e então de nada lhes valerá o terem-se sujeitado ás impozições vexames e explorações do Sr. Cardozo & Comp., porque estes senhores mais tarde não os conhecerão mais.

Legnar.

A dedicação

Para nos dedicarmos a dezenvolver pensamento, e exteriorizal-o em letra de forma, necessario nos é possuir um espirito fino e concretizador, auxiliado por uma intelijencia robustecida, para dar assim um um sentido nitido ás idéas que expomos, como si nele estivessem a nossa personalidade, o nosso modo de ser, tendo sempre o fito do belo, do bom, do humano no sentido do tema que se pretende defender, nunca pondo de parte o sentimento moderno, que aparecerá na colaboração como um iman que atrái á fraternização de todas as raças, tendo por objeto interessar aos leitores produzindo-lhes nos pensamentos uma impressão tal que se lhe afigure que estão prezenciando a ação que têm, como si fôra um fato real.

Ditozo o talento que alcançar uma epopeia, como a alcançada pelo ilustre Pedro Gori, defendendo no tribunal de Genova 36 anarquistas, entre operarios, artistas e estudantes, acuzados do crime de "associação para delinquir", em virtude de professar principios anarquistas-comumista.

Em um trecho da sua brilhante defeza expressa-se de uma fórma, com a qual alcançou uma admiração profunda estaziando os assistentes daquele juri ao ponto de ovacional-o, sujestionados com a sua arrebatadora eloquencia, vendo nele o pro homem salvador da lojica e da razão. Foram estas as suas palavras : "certamente que uma cadeia invisivel e ideal unia seus espiritos sonhadores o de uma éra luminoza de paz e de justiça ; e despertaram do seu belissimo sonho encontrando-se amontoados como féras perigozas entre os ferros daquela jaula que os encerrava".

"Ha ! nobres malfeitores ! Eu vos saúdo de novo e de novo vos manifésto quanta honra tenho em defender, desta alta e solene tribuna, as idéas que me unem a mim, homem livre a vós prizioneiros !"

"Si estas ideias são um crime encarcerai-me a mim tambem e ajuntai-me com estes homens".

Pensai e escrevei, vós que enfrentais a tarefa da libertação humana, que si tal ezito alcançardes terás ganho a imortalidade !

E será assim que arquitetarás o rejimen comumista, um rejimen que vos dará o bem estar dentro da armonia de interesses, com iguais direitos uns perante os outros, um rejimen onde o joven apaixonado possa livremente professar um amor franco e leal, entremeado de caricias á aspirada amante, e que isto somente satisfaça o seu premio de amor, igual áquele que Pascal..... descreve nas estrelas cadentes.

Uma sociedade que permita o dezenvolvimento de uma vida mais ampla, mais equitativa e de amor ao prossimo, guiando-nos uma lei natural de relativa igualdade, sem restrições nem opressões de especie alguma.

Que preço tem a vida para os desherdados da fortuna, nesta epoca sinistra em que lutamos com a falta de recursos para a subzistencia, e em que somos condenados a suportar o jugo dos potentados ?

Os socialistas revolucionarios, combatendo a burguezia exploradora, não só atribuem a ela a cauza dos erros sociaes, porque eles bem sabem que a pobreza fiziologica e intelectual das classes trabalhadoras obedece a um cem numero de cauzas que converte uns em explorados e outros em exploradores.

Mas os militantes da questão social erguer-se-ão, lançando o grito de alerta para o porvir, não se importando com as consequencias que lhes possam sobrevir. Que lhes importa a vida quando a evolução de seu espirito já alcançou a méta almejada, si o ideal os incita a dezejar o momento em que a livre essencia evadida das petadas das rozas retidas a face da terra subirão ás altas esféras e daí se ezalaram sobre as multidões que fervilham nas grandes cidades.

O que não sái da concha como o polipo, é como os seres inferiores da creação : morre sem deixar no mundo uma particula da alma.

Devemos viver livres sim, mas empregando parte da nossa vida em proveito

dos demais semelhantes, servir á humanidade abstendo-se de recompensa, esta será o bem estar de todos, porque si todos viverem melhor tambem nós viveremos.

De nada servirá a obstinação dos conservadores, pois que, segundo as leis naturais, tudo se transforma.

O tempo destruidos tudo consôme, finda uma vida para deixar surjir outras, dá flores ás fruteiras na primavéra para que dêm fruto no outono ; terminada esta estação cáem os frutos para dar logar á nova produção do prossimo ano.

As idade aussiliam a decadencia das idéas de acordo com o principio das transformações e permitem o surto de outras mais uteis a ezistencia humana ; uma constante evolução deixa-nos do passado apenas uma vaga lembrança, á semelhança os degráus de uma escada que nos eleva bem alto a colocar as letras de um ideal que professamos, ideal que será um fato mas que não nos aproveitará porque, ao surjir para a ezistencia real, já não viveremos.

Si os soldados se deixam levar para a guerra guiados pelo sofisma patriotico e ali suportam e sofrem as maiores agruras, defendendo interesse que não são os seus, mais razão temos nós para sacrificarmos a vida, si tanto fôr precizo, aussiliando o triunfo da ideia e redimindo o universo do fumo da metralha.

G. Costal.

SELETA

A ignorancia, muito mais que o saber, produz a afirmação. Sempre são os que sabem menos e não os que sabem mais, que afirmam rezolutamente que tal ou qual problema é insoluvel para a crencia.

DARWIN.

Como pensar que as ideias religiozas são essencialmente moralizadoras si a gente vê que a historia dos povos cristãos é tecida de guerra, de massacres, de supricios?

Anatole France.

O Estado tem uma longa historia toda de assassinato e de sangue. Todos os crimes praticados no mundo, os morticinios as guerras, as faltas a fé jurada, as fogueiras, as torturas, tudo foi justificado pelo interesse do Estado, pela razão de Estado. O Estado tem uma longa historia. Toda ela é de sangue.

Clemenceau.

Só quando é senhor de si mesmo é que um homem póde ser verdadeiramente moral.

ELISEU RECLUS.

A violencia e o poder

Não me trates de irreverente: dá-me o braço: sou teu inseparavel companheiro.

* * *

Um homem manchado de lagrimas e de sangue, armado com um machado, entrou na sala do palacio, cravou o machado num dos degraus do trono e sentou-se junto do rei.

— Vilão! gritou o monarca. Como te atreves a cometer uma irreverencia tal? Vens manchado de sangue: tu praticaste algum crime.

— Sei quem és, respondeu o vilão, e sei tambem que a mim o deves. Sem ti, poderia eu viver: tu, sem mim, não. Os meus crimes são os teus. O sangue que me mancha, manchou-te antes.

— Quem és?

— Sou a violencia, sou o verdugo.

— Não te quero a meu lado. Cumpre a tua missão onde não fira o meu olfato o cheiro do sangue das tuas vitimas.

— Esse trono é tão meu como teu: não me vou.

— Suprimirei em meus Estados a pena de morte.

— Não importa. Ver-me-ás junto a teus soldados. Vais deixar acazo de lhes ordenar que disparem contra o povo quando entre em teu palacio e te deponha?

— Mandarei que prendam os revoltozos, respeitando-lhes a vida.

— E depois? Não deixarei de ser o mesmo. Serei eu quem lhes ha de pôr os grilhões e atar as cadeias; serei eu quem os ha de encerrar em calabouços e vijiar das grades; serei eu quem lhes ha de servir o rancho e os ha de vêr morrer lentamente, maldizendo-nos a ti e a mim, tal como morrem hoje um pouco mais depressa.

— Suprimirei os cárceres, só para não te vêr.

— Não desvaries. Contempla, da tua janela, o povo amotinado: chama-te e pede a tua cabeça.

— Tens razão, meu amigo. Embora estejas manchado de lagrimas e de sangue, dá-me o braço.

— Não te dizia eu? Não pódes tratar-me de irreverente. Sou teu inseparavel companheiro.

Francico Py Arsuaga.

Pelos restaurants

(Alfinetadas)

Chamamos a atenção da clientela do Restaurant Sul America, afim de se inteirarem da invenção genial de propriedade do Sr. Fontainhas, socio desse restaurant.

E' digna de toda a consideração a invenção do competente "culinario", a qual certamente satisfará o mais esquisito dos freguezes.

Querem os muitos dignos frequentadores do "chic" restaurant saber qual a invenção do Sr. Fontainhas? Um recheio de ultima hora: pão assado com guarda-napos.

Deve ser agradavel, não é verdade?

ROTISSERIE RIO BRANCO

(*As ervilhas e o irmão do Sr. Hermida*)

— Chefe, as ervilhas já se acabaram?

— Sim senhor.

— Pois olhe meu caro, eu comprei as ervilhas para os freguezes e não para o "picadinho" dos meus colegas caixeiros... Para eles eu já lhe disse como é o negocio; bofes de boi e picadinho cozido com agua e sal, isto é rancho de soldado velho.

— Olhe, amiguinho chefinho, eu já ascendi de soldado razo, não é verdade? E, além disso sou irmão do Dégas, o "Hermidinha" garante a zona. Depois de tudo isso, nós somos amiguinhos velhos, não é chefinho? !

X.

Lérias e Trêtàs

O patrão deu-me uma folga inesperadamente. Aproveitei-a indo á redação de "O Cosmopolita", onde só encontrei o continuo que logo "derrapau" para tomar café, deixando-me só. Nisto o telefone toca insistentemente. Fui atendel-o, levo o fone ao ouvido: "Pronto!!

E uma voz de homem, sem mais formalidade pergunta: "Como vai você?"

— Bem, felizmente — disse eu — e o "gajo" continuava:

— Então você está bem disposto para a "sessão" de sexta-feira?

Como sexta-feira tivessemos reunidas eleições no Centro Comospolita, e estando eu empenhado nas mesmas, respondi-lhe:

— Estamos todos a postos!

— Pois bem — continuava ele — eu descobri um meio que fatalmente nos garantirá a vitoria: Oiça lá: eles sempre nos atrapalham, dezenvolvendo uma "retorica", bazeada na lojica de principios seguidos por homens que estudaram a fundo a vida dos trabalhadores, com todas as opressões que os esmagam e suas necessidades. Ora, nós temos a vantajem de falar pessoalmente a esses espiritos, dos quaes eles só podem consultar a obra deixada na terra.

Neste ponto, percebendo que o "manáta" estava evidentemente enganado perguntei-lhe:

— Mas como é isso? (porque francamente não estava com calças pardas, reparei bem, e eram pretas).

— Muito facil—continuava o homem —Nós, na sexta-feira, chamaremos os espiritos de Anselmo Lorenzo, Ferrér, Reclus, Bakounin e outros, e eles nos elucidarão para que possâmos lutar com esse grupo que em todo o nosso trajeto põe barreiras intransponiveis. E si com estes não conseguirmos, temos ainda outro recurso, porêmos em pratica a parte mais "cientifica" da nossa seita; chamaremos os vivos, Malatesta, Faure, Kropotkine, Mella etc., etc.

Agora já eu ia percebendo alguma coiza. O homem era espirita.

Então perguntei-lhe si não haveria inconveniente em chamar os vivos.

— Não. Nós temos toda a facilidade. Abrimos a sessão ás 20 horas, preparemos as "mediuns", e enviamos os espiritos protetores para vêr si aqueles irmãos estão em condições de serem chamados; acredito que estejam, pois sendo aqui 21 horas, isto é, uma hora depois da sessão preparatoria, são na Russia, aonde devemos chamar Kropatkine, 1 hora e 58 minutos. A seguir chamaremos Malato, que, aapezar de haver nascido na Italia, habita em Londres onde são 23 horas e 53 m. Segue-se Sebastião Faure, que é francez, e na França são 24 e 2 minutos... e, por fim, R. Mella que é hespanhol e são em Hespanha 23 h. e 38 minutos. Este fica para o fim, porque sendo ainda muito cedo, não estará ainda entregue a Morfeu.

E' este o meio mais viavel que temos a adoptar e que eles jamais serão capazes de combater.

— Acha então você que tudo isso se fará com facilidade?

— "O' xacho"!

— E sabes com segurança que esse dezencontro de horas é mesmo como estás dizendo?

— "O' s'e!" eu estou ao par de tudo. Ensinou-me um amigo meu.

— Pois bem, basta de trêtas, sabes com quem falas?!

Ora essa... Deixe de lérias! pois então eu não estou falando com o Restaurant x x x e não é o X que está ao aparelho!

— Não! Aqui é a redação de "O Cosmopolita"!...

— O' diacho! Então entornei o caldo!

O homem já apelava para o diabo! E desligou o aparelho.

Como eles andam!

"Honni soit qui mal y pense"...

Moxila.

Vivendo ás claras

BALANCETE

Movimento geral da receita e despeza do festival realizado em 30 de Setembro, em favor da publicação de "O Cosmopolita"

RECEITA

Recebido de 652 ingressos a 2$000	1:304$000
Idem da féria do "boufet"	400$000
" da tombola	62$000
" de donativos	40$000
" da venda de um saldo de aguas minerais, cervejas e Whisk	59$000
	1:865$600

DESPEZAS

(*Ornamentação, palco, luz e muzica*)

Muzica	60$000
Automovel para a mesma	15$200
Carreto de estantes	3$000
Piano, pianista e carreto	59$600
Madeiras para o palco	67$600
Material para eletricidade	14$400
Tintas e pinceis	8$500
4 metros de chita	2$000
Carpinteiro e auxiliar	35$000
Florista	100$000
1.000 bilhetes	32$000
Destintivos	2$600
Porcentagem ao cobrador	68$000
	467$900

(*Boufet*)

Pago á Cervejaria Brahma	93$400
Pago á Cervejaria Hanseatica	82$500
Pago á Cervejaria Polonia	35$000
1 C. de aguas mineraes	25$000
1 C. de Vinho do Porto	22$000
3 Caixas de sodas	10$800
Presunto	14$400
Queijo	4$800
5 pães de forma	4$000
5 pães a 300 rs.	1$500
1 lagarto assado	4$000
Gratificação	2$000
140 palitos Champanhe	5$000
36 doces	2$400
Phosphoros	$800
Alfinetes	$400
Taxas	$400
1 jantar para o empregado	2$000
Papel e barbante	1$400
2 caixeiros	20$000
Carretos	4$500
Soma	336$300
	467$900
	804$200

REZUMO

Receita	1:865$600
Despeza	804$200
Saldo	1:061$400

Importancias a receber

40 garrafas de cerveja Polonia	23$500
89 ingressos	178$000
	201$500

Movimento da receita e despeza do Grupo até á data da sua installação

RECEITA

Recebido de aderentes ao Grupo:	
30 quotas de admissão, a 5$	150$000
Idem de donativos	25$000
Somma	175$000

DESPEZA

300 circulares para a reunião de 25 de Junho	14$000
500 enveloppes	4$000
Selos	5$000
1 blok de papel	1$200
Selos para a reunião de 9 de Agosto	$700
1 livro de 100 folhas	4$200
1 tinteiro	6$000
1 vidro de tinta	3$500
6 canetas	1$500
1 caixa de penas	2$500
Selos e gratificação	2$500
1 carimbo	10$000
1 rolo de barbante	$500
	55$600

REZUMO

Receita	175$000
Despeza	55$600
Saldo	119$400
Saldo geral, em mãos do contador	1:180$000

Officinas Graphicas do *Jornal do Brasil*